



6º Congresso de Pós-Graduação

DE PAI PARA FILHO: O FIM DE UMA TRADIÇÃO NO SETOR DE TRANSPORTE RODOVIÁRIO DE CARGAS.

Autor(es)

ANA PAULA DARIO ZOCCA

Co-Autor(es)

DALILA ALVES CORRÊA
MÁRIO SCOMANO NETO
ARSÊNIO FIRMINO DE NOVAES NETTO

Orientador(es)

VALÉRIA RUEDA ELIAS SPERS

1. Introdução

O artigo aborda a quebra de uma tradição no setor de transporte rodoviário de cargas, representada pelo fim da passagem da profissão do motorista rodoviário de cargas de pai para filho.

Este fato é relatado por Cláudio Machado da Silveira, diretor da Associação dos Motoristas de São Marcos-RS, cidade que concentra o maior número de caminhões do mundo: antigamente o filho mal terminava o segundo grau e começava a viajar com o pai e hoje ser caminhoneiro não representa mais uma opção profissional para os jovens, mas uma saída para quem não consegue trabalho em outro lugar (PEREIRA, 2008).

O ciclo presente nas gerações passadas se quebrou e as conseqüências são percebidas por todo um setor, o qual acumula prejuízos pela frota parada por falta de profissionais. Algumas empresas de transportes precisaram rever seus planos de expansão freados por esta problemática.

Quantificado, o problema se torna ainda mais alarmante. Estimativas apontam que existe um déficit de pelo menos 90 mil motoristas atualmente, o que representa 15% da frota de 600 mil veículos das transportadoras (WAGNER, 2007).

Para a compreensão desta realidade que surpreendeu o setor de transporte rodoviário de cargas e auxiliar as empresas na busca de soluções, faz-se necessário investigar os elementos presentes na profissão do motorista, que contribuem para a quebra desta identidade e conseqüentemente de uma cultura que permeou gerações.

A identidade é formada por um processo de socialização que segundo Berger e Luckmann (1990) consiste na interpretação da realidade objetiva e sua interiorização como realidade subjetiva e forma a base para a compreensão das outras pessoas e do mundo.

Conforme o indivíduo amadurece, o processo de socialização modifica-se e evolui de primário para secundário. Na socialização primária, o indivíduo torna-se membro da sociedade na medida em que compreende os outros, o mundo em que vive e esse mundo torna-se o seu próprio. O fenômeno acontece na infância e integra o indivíduo na sociedade pela convivência da realidade familiar. Na socialização secundária o indivíduo já socializado é introduzido em novos setores ou grupos da sociedade. O mundo do trabalho e seus diversos papéis substituem a família na tônica desse processo (BERGER; LUCKMANN, 1990).

O núcleo familiar na primeira fase de socialização se encarrega de fornecer os elementos que irão compor a identidade individual. Para Mté e Neufeld (2006, p. 42) quando a intimidade emocional entre pais e filhos contempla sentimentos de carinho, amor e afeição “a criança carrega a imagem dos amados pais em sua mente, e nela encontra apoio e conforto”.

A identificação da criança com as pessoas que são importantes para ela acontece com a formação dos vínculos emocionais. A interiorização somente ocorre quando há essa identificação. A criança assimila os papéis e as atitudes das pessoas que possuem significado para ela e passa a repeti-los. Graças a esse processo, a criança consegue identificar a si mesma, adquirir uma identidade subjetivamente coerente e plausível, que passa a formar o seu caráter e a sua personalidade (BERGER; LUCKMANN, 1990).

As crianças assimilam suas preferências pela aprendizagem do que lhes é apresentado como bom ou ruim. Os componentes cognitivos afetam a emoção e a criança despertará sentimentos positivos e negativos a respeito das coisas baseada em suas crenças, as quais podem ser determinadas por fatos presentes em sua realidade (TAJFEL, 1981).

Os fatos contemplam as atitudes do mundo que cerca o indivíduo e podem abalar ou afirmar a realidade incorporada na socialização primária, pois as relações sociais saem da experiência familiar para o ambiente social.

As experiências vivenciadas no processo de socialização primário e secundário determinam o grau de identificação do indivíduo com ele mesmo, com o trabalho e sua integração na sociedade. Quanto maior for o reconhecimento do indivíduo perante a sociedade, pelos diversos papéis que exerce, maior significado ele atribuirá à sua existência, tornando-se um indivíduo integrado e livre de conflitos.

Porém, o processo de socialização e o meio-social que o indivíduo faz parte são permeados por conflitos e contradições. A estrutura social é imperfeita e o acesso aos recursos, ao reconhecimento e interpretação da realidade são limitados à posição ocupada pelo indivíduo na estrutura social ou familiar.

Quando a estrutura sócio-cultural e os sistemas de valores se desorganizam temporariamente, a vida mental e moral dos indivíduos entram em desintegração e abrem espaço para os distúrbios mentais (SOROKIN, 1968).

Se os grupos a que pertence o indivíduo estão em conflito e o impelem a ações, deveres e convicções contraditórias, ele fica dividido em si mesmo pelos conflitos internos e preocupações. Não conseguirá paz de espírito, nem felicidade verdadeira; seu comportamento será contraditório permeado pela indecisão. A contradição acaba com a sua saúde mental e desmoraliza-o, dispersando suas lealdades e dificultando o cumprimento de suas obrigações (Sorokin, 1968).

O processo de formação da identidade encontra nos sentimentos e emoções o caminho da identificação entre pais e filhos. A identidade pode ser quebrada pela falta de reconhecimento social dos papéis que o

indivíduo exerce na sociedade, imagens carregadas de estereótipos negativos, contradições do ambiente e conflitos, os quais favorecem a desintegração da personalidade e a perda da identificação do indivíduo com ele mesmo e com grupo social a que pertence.

2. Objetivos

O estudo teve o objetivo de identificar os elementos incorporados no processo de formação da identidade dos motoristas, que corroboram para a ruptura na transmissão desta identidade de pai para filho.

3. Desenvolvimento

O trabalho constitui-se de um estudo exploratório realizado pela entrevista não-estruturada clínica com uma amostra de nove motoristas.

Todas as entrevistas foram gravadas com a autorização dos participantes. Por uma questão de escopo, neste artigo estão apresentados os principais trechos literalmente transcritos.

4. Resultado e Discussão

A análise dos relatos revelou vários focos de tensão. Todos os motoristas apresentam algum tipo de conflito e os principais identificados pelos depoimentos, encontram-se a seguir:

Baixa auto-estima

-“[...] os pais sempre querem que o filho siga aquilo que o pai é, você entendeu? Mas os pais sempre querem o melhor pro filho. Então eu falo: - Oh filho, você tem que estudar bem, você não queira ser igual ao pai motorista de caminhão, porque não vai dar certo. [...] o motorista é muito discriminado [...] o motorista é tratado como praticamente um cachorro [...] eu nunca esperava encontrar isso. [...] você percebe quando você chega em um cliente que a pessoa olha pra você de um jeito que parece que é uma pessoa imunda, uma pessoa que não tem educação, que é..., que não tem cultura, você entendeu? [...] Chegou um caminhoneiro você percebe que a pessoa olha pra você com um certo desprezo por você, entendeu?”. (Motorista 9).

O sentimento de baixa auto-estima pela profissão, se deve a uma imagem carregada de preconceitos e estigmas, levando os motoristas a se sentirem discriminados e inferiores perante a sociedade, sem o reconhecimento social de seu trabalho. Esse sentimento causa sofrimento que o motorista não quer perpetuar em sua família; assim, não incentiva seus filhos a seguirem na profissão, o que também gera um segundo conflito por não se verem como espelho para seus filhos.

Frustração

-“[...] o meu sonho quando era jovem era trabalhar com caminhão...o meu sonho tá realizado, só que é frustrante porque não é aquilo que a gente imaginava quando era criança, sabe?” (Motorista 7). O conflito fica evidente nos depoimentos carregados de frustração. Mesmo aqueles que tinham o sonho de ser motorista não se demonstram realizados com a profissão. Os demais ou não tinham objetivos na vida ou não tiveram a oportunidade de realizar o sonho e acabaram na profissão por falta de outras oportunidades.

Sentimento de fracasso

-“Se eu escutasse o meu pai hoje eu acho que eu seria bem melhor, eu ia tá, fazer uma coisa bem mais..., fazer uma coisa de estudo né? [...] Meu pai tinha um sonho de fazer eu um doutor, mas como não tava sendo possível, porque eu não tava querendo mesmo [...] ele deu essa profissão pra mim. Estudei até a sexta série e repeti três anos por bagunça, até que fui expulso da escola.” (Motorista 7).

Esse sentimento é mais evidenciado pelo fracasso escolar, o que reforça a baixa auto-estima dos motoristas. Durante o processo de socialização secundária registraram-se dificuldades e obstáculos para os estudos, devido ao trabalho precoce ou por outras razões. Esta perda mostra-se irreversível e responsável pela ausência de perspectiva de mudanças. Deste modo, hoje se vêem sem saída na busca de outras oportunidades.

Infância roubada pelo trabalho infantil

“[...] Eu acho que eu nasci, cresci um pouco né, e já comecei a trabalhar na roça e não parei mais, com nove, dez anos, eu já comecei a trabalhar.” (Motorista 5).

No caso de seis motoristas, a infância não representou um período de experimentação, das brincadeiras, do sonho e da fantasia, pois tiveram que exercitar pela realidade do trabalho, um papel que lhes fora definido por seus pais. Na socialização primária não conseguiram sonhar e na socialização secundária não conseguiram escolher; hoje se vêem sem saída e frustrados.

A questão de ser ausente na família.

-“[...] quando comecei a trabalhar com carreta, meu pai falou que eu era louco, que isso não era vida, ficar fora de casa” (Motorista 6).

-“[...] Eu acho que não dó o tanto de atenção que meu filho merece. Eu acho que eu tô me afastando do meu filho [...] não sei o porquê também, eu tô me afastando da minha família entendeu?.” (Motorista 9).

O motorista muitas vezes por estar ausente de casa, apresenta dificuldade de formar vínculos emocionais com os filhos e a esposa; a ausência torna-se ainda maior e mais dolorosa. Podemos observar também que o motorista não tem o apoio ou respaldo da família para exercer a profissão e superar as dificuldades do dia-a-dia; então, encontra-se muitas vezes só e culpado pelos problemas familiares, ou seja, carrega sozinho a culpa pelas neuroses da família

A solidão da estrada

-“[...] é difícil tem hora, tem momento que a gente sente solidão [...] eu sinto muita solidão [...] principalmente pra quem não bebe, não tem muito de ficar com amigos errados, turminhas, essas coisas [...] eu me afasto, fico na minha [...] pra quem é apegado à família é difícil.” (Motorista 7).

O fato do motorista estar ausente e distante da família, pode estar vinculado a um sentimento de desagregação social. Neste sentimento ele não se reconhece como parte do seu grupo e desenvolve conflitos com seus próprios valores, numa tentativa de adaptá-los aos valores do grupo que almeja fazer parte para, assim, poder efetivamente se sentir integrado.

O ambiente contraditório da estrada

-“[...] eu vivi os dois lados, eu sei qual o lado bom e qual o ruim [...] (Motorista 2).

-“[...] o ambiente da estrada oferece pra você muita bebida, oferece muita prostituição, você entendeu?

Amigos errados [...]” (Motorista 7).

O ambiente hostil da estrada mostra uma realidade dura para os motoristas. Assim, ele vive numa dimensão paradoxal, uma tensão constante entre o que é certo e o que é errado, em relação ao ambiente, as pessoas e a própria vida, causando sofrimento. A simples convivência com essa realidade contraditória expõe o motorista e o pressiona a fazer a sua escolha e sustentá-la perante o grupo e principalmente perante ele próprio.

Papéis contraditórios

-“[...] o caminhoneiro é o seguinte, ele tem que aprender a ser duas pessoas, ou é uma pessoa do bem ou é uma pessoa do mal, que tem os dois lados, ele vai conhecer os dois lados [...]” (Motorista 2).

Essa contradição deixa o indivíduo dividido em si mesmo pelos conflitos internos e preocupações. Isto toca profundamente a percepção de sua identidade levando-o a travar batalhas de conflito consigo próprio e a distanciar-se da possibilidade de encontrar a paz de espírito e a felicidade.

5. Considerações Finais

A análise das entrevistas resultou em um conteúdo denso e revelador. O excesso de conflitos inconscientes identificados pelo estudo como baixa auto-estima, desejos frustrados, falta de desejos, sentimentos de incapacidade e fracasso, trabalho infantil, exercício de papéis contraditórios, ausência do ambiente familiar e solidão aliados ao ambiente contraditório da estrada e falta de reconhecimento social pela profissão aparecem como fatores decisivos para esta quebra de identidade entre pai e filho, motivada pela vivência no círculo familiar, muitas vezes marcado pelo distanciamento emocional de seus membros e pressões da família contra a profissão.

Sem o apoio da família, o motorista não consegue enfrentar sozinho o ambiente hostil da estrada e como mecanismo de fuga para alívio de seus conflitos inconscientes encontra no vício do álcool, drogas e prostituição uma forma de sentir-se integrado e satisfazer suas necessidades de proteção, afeto e aceitação, não supridas pela família.

Pela falta de reconhecimento do papel que exerce, o motorista não encontra significado em sua existência e torna-se um indivíduo desintegrado e cheio de conflitos que não quer perpetuar o sofrimento na família, passando-o de pai para filho.

O estudo mostra a complexidade do comportamento humano no ambiente de trabalho e, por isto, evidencia a necessidade, por parte das empresas, de adotar políticas e diretrizes organizacionais que relevem a totalidade da pessoa e valorizem seus profissionais. Este aspecto constitui-se num desafio para as organizações que enfrentam realidades como as relatadas neste estudo, que requer uma gestão com as pessoas vinculada à realidade do fato humano e não apenas dos recursos humanos. Entre outros desdobramentos, o estudo constitui-se em uma oportunidade para futuros trabalhos que objetivem o aprofundamento da pesquisa e sua aplicação em outros contextos e também a investigação do processo de identificação na perspectiva do filho em relação ao pai.

Referências Bibliográficas

- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **The social construction of reality**. Reino Unido: Penguin, 1990..
- MATÉ, Gabor; NEUFELD, Gordon. **Pais ocupados filhos distantes**. São Paulo: Melhoramentos, 2006.
- PEREIRA, Marta. Para quem entregar as chaves?. **Transpodata**. São Paulo, a. 1, n. 2, p. 30-32, 2008.
- SOROKIN, Pitirim A. **Sociedade, Cultura e Personalidade**. Porto Alegre: Globo, 1968.
- TAJFEL, Henri. **Human Groups and social categories**. Cambridge: Cambridge University Press, 1981. 2v.
- WAGNER, Oliveira. Faltam motoristas para guiar a nova geração de caminhões pesados. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, 23 mai. 2007. Transportes & Logística, Caderno C, p. 3.